

# MARIA APARECIDA MONTENEGRO

## FELIZES APESAR DA REPRESSÃO

Da Grécia Antiga, passando pelo Holocausto e chegando aos dias de hoje, a filósofa Maria Aparecida Montenegro discute o conceito de felicidade e os elementos envolvidos em sua busca

---

## JÁDER SANTANA

jader.santana@opovo.com.br

---

O esfacelamento do Império Grego e a decadência de Atenas inverteram a lógica da busca pela felicidade. O que antes era visto como uma intenção coletiva, passou, pouco a pouco, a ganhar ares de propósito individual. Era hora de fortalecer as “cidades interiores”, a capacidade de sentir-se bem apesar de. Da fundação da civilização norte-americana, passando pelo Holocausto na II Guerra e pela felicidade ilusória de Freud, o ser feliz foi discutido e repensado em distintos níveis.

Na entrevista a seguir, a professora do curso de filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Maria Aparecida Montenegro, parte do Ranking Mundial da Felicidade, divulgado recentemente pela Gallup e pela FGV - segundo o qual o Brasil se transformou em um país mais infeliz -, e reflete sobre o que essa busca diz sobre nosso sentimento de inadequação no mundo moderno.

### O POVO: É possível medir a felicidade?

**Maria Aparecida Montenegro:** Depende do que estamos pensando como medida. Você não vai ter um índice fiel ou fidedigno que possa indicar numericamente esse grau ou patamar de felicidade de um povo, mas você pode estabelecer alguns parâmetros que, de certo modo, nos ajudam a ter uma visão panorâmica, um vislumbre da situação em que o país se encontra. Como estamos totalmente inseridos nessa realidade, não temos uma visão muito clara do conjunto.

### OP: O que os critérios objetivos e subjetivo utilizados pela pesquisa da Gallup e FGV dizem sobre o Brasil?

## Atuação

A professora Maria Parecia Montenegro atua nas áreas de filosofia antiga, filosofia da linguagem e filosofia da psicanálise.

## Formação

Maria Aparecida possui mestrado em Psicologia Clínica e doutorado em Filosofia. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Notre Dame, em Paris, e na Università degli Studi di Milano.



**Maria Aparecida:** São importantes os critérios utilizados na pesquisa: não só a renda, mas também a possibilidade de as pessoas se sentirem realizadas dentro da coletividade. A queda desse índice tem a ver com a diminuição das oportunidades que, nos últimos anos, haviam aumentado. A oportunidade de uma pessoa de uma classe desfavorecida poder alçar outros voos, entrar na universidade, realizar um projeto de estudo. E também há a sensação de injustiça e corrupção. A baixa autoestima é cada vez mais corroborada pelos escândalos na política. Ao mesmo tempo, temos uma baixa autocrítica como cidadãos. Vivemos essa intensidade de polarização, essa descrença no conhecimento. É um autoengano.

**OP: Felicidade individual e coletiva estão diretamente ligadas?**

**Maria Aparecida:** Essa relação foi mais enfatizada em períodos anteriores, como na antiguidade grega, até o século IV Antes de Cristo (A.C). A mudança tem a ver com a deterioração da situação privilegiada que a Grécia viveu. Os escândalos políticos, as guerras, os conflitos, as derrotas que Atenas sofreu contribuíram para que a busca por felicidade se distanciasse um pouco desse projeto coletivo. O ideal, o esperado, o mais desejado, é que seja uma relação muito próxima. Mas, depois da deterioração do Império Grego, começaram a surgir correntes filosóficas que buscavam nas “cidades interiores”, as que estão dentro de cada um de nós, a “eudaimonia” (em grego, o estado de ser habitado por um bom gênio). Quando um império declina, colapsa, a tendência é a busca da felicidade como um projeto individual.

**OP: É o caso das sociedades ocidentais?**

**Maria Aparecida:** Nossa sociedade é herdeira de uma tradição individualista. Mas, no caso do grego, não há egoísmo. Há um historiador chamado Robert Darnton que fala dos responsáveis pela construção da América, George Washington, Thomas Jefferson e Benjamin Franklin, os fundadores dos princípios constitucionais da sociedade

americana. A primeira cláusula de sua constituição é o direito que cada cidadão tem à felicidade. Mesmo em uma sociedade individualista como a norte-americana, esses fundadores pleiteavam uma felicidade que também era coletiva, que não era apenas a plenificação dos prazeres, mas sim algo que resultasse em uma sociedade mais justa e com oportunidades. Em um mundo em guerra, onde você não tem mais confiança nas instituições, para não se desesperar você se volta para buscar a felicidade da “cidade interior”. É uma estratégia para estabelecer uma bela vida, uma vida voltada à virtude, para desenvolver o que há de melhor em você, seus talentos. Muitos autores falam da criatividade. Ela aparece nos momentos de maior conflito - autores, artistas, emergem desse momento crítico. Talvez agora, quando estamos vivendo essa situação pouco alvissareira, possamos aumentar nossa autoestima e nossa autocrítica.

**OP: O que acontece com o conceito de felicidade em situações extremas como o Holocausto?**

**Maria Aparecida:** Temos pensadores que falaram sobre esses momentos trágicos, que viveram em campos de concentração. E eles têm uma mensagem positiva. O Viktor Frankl fala da “ética do sentido da vida”. Também se fala da ética do outro, da autoridade, de você ser capaz de olhar verdadeiramente para o outro, uma coisa raríssima. Temos essa grande dificuldade de sair de nós mesmos. Eles foram pessoas com mensagens positivas sobre o estar no mundo, apesar do momento dramático. É possível retirar aprendizados, perceber que a melhor saída para lidar com a tragédia, é aprender algo desse sofrimento. Essa pode ser a saída. Tudo depende de não entender a felicidade apenas no sentido do prazer, da satisfação.

**OP: É a distinção entre a felicidade como prazer e a felicidade como justiça?**

**Maria Aparecida:** A justiça não necessariamente vai implicar no prazer. Às vezes, nós próprios podemos estar implicados nas medidas da justiça. A justiça requer essa noção, você sabe o quanto pode usufruir os prazeres sem extrapolar. O problema da nossa cultura ocidental é se submeter às medidas, saber que não pode tudo, controlar a vazão dos seus apetites, perceber até onde pode ir. Isso tem a ver com autoconhecimento e autocritica. É preciso um governo dos prazeres, é preciso hierarquizá-los, estar no comando deles.

**OP: Isso é algo que se aprende?**

**Maria Aparecida:** Temos uma fragilidade existencial em se autogovernar. Nas escolas, os conteúdos não trazem essa lição sobre perceber o valor desse autoexame, sobre guiar os próprios prazeres, não deixar de senti-los mas, ao mesmo tempo, não viver nesse afã de obter prazer. É como escolher beber uma vida inteira, desde que seja com moderação, ou beber loucamente até o corpo não suportar. Essa hierarquização dos prazeres não se ensina nas escolas e nas famílias.

**OP: Freud falava da felicidade como uma ilusão...**

**Maria Aparecida:** Isso é bem delicado. A teoria freudiana é muito pautada pela noção da

felicidade como um sintoma, uma ilusão. Como na vida em sociedade não somos senhores dos nossos prazeres - somos subtraídos dos nossos prazeres, obrigados a reprimir, a negociar esses prazeres -, a felicidade realmente se coloca como uma ilusão. Não somos senhores dos nossos deveres e prazeres, somos assolados por uma repressão que não sabemos dizer quem realiza. É a própria cultura, a cultura repressora. Por outro lado, Freud reconhece que não há civilização sem repressão. Numa visão clássica talvez fosse possível vislumbrar uma situação em que fôssemos capazes de negociar quais prazeres vamos colocar à frente dos outros. Para Freud, essa possibilidade é muito remota e frágil. Por isso mesmo, uma pessoa que tenha passado por uma análise no máximo vai falar de seus infortúnios e transformar o sofrimento neurótico em um normal. Mesmo quando fala da sublimação - a transformação desses impulsos em outros objetivos -, Freud diz que vai haver um resto de impulso que não pode ser sublimado.

**OP: E qual a sua visão? É pessimista como a de Freud?**

**Maria Aparecida:** Eu vou mais para esse estado de aprendizado permanente, da tentativa de ser senhor de si, e não escravo de si. Acredito na "cidade interior" de cada um, no conhecimento, no diálogo, da negociação, mesmo no contexto da deterioração. Nesse sentido, sou capaz de aprender com o que o sofrimento está tentando me ensinar. E estou entendendo o seu sofrimento.



